

Queila Pahim da Silva  
org.

# Turismo

Reflexões e Desafios - Volume II



  
Pantanal Editora

2022

**Queila Pahim da Silva**  
Organizadora

**Turismo: reflexões e desafios**  
**Volume 2**



Pantanal Editora

2022

Copyright© Pantanal Editora

**Editor Chefe:** Prof. Dr. Alan Mario Zuffo

**Editores Executivos:** Prof. Dr. Jorge González Aguilera e Prof. Dr. Bruno Rodrigues de Oliveira

**Diagramação:** A editora. **Diagramação e Arte:** A editora. **Imagens de capa e contracapa:** Canva.com. **Revisão:** O(s) autor(es), organizador(es) e a editora.

### Conselho Editorial

#### Grau acadêmico e Nome

Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos  
Profª. Msc. Adriana Flávia Neu  
Profª. Dra. Allys Ferrer Dubois  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior  
Profª. Msc. Aris Verdecia Peña  
Profª. Arisleidis Chapman Verdecia  
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva  
Prof. Dr. Bruno Gomes de Araújo  
Prof. Dr. Caio Cesar Enside de Abreu  
Prof. Dr. Carlos Nick  
Prof. Dr. Claudio Silveira Maia  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos  
Prof. Dr. Cristiano Pereira da Silva  
Profª. Ma. Dayse Rodrigues dos Santos  
Prof. Msc. David Chacon Alvarez  
Prof. Dr. Denis Silva Nogueira  
Profª. Dra. Denise Silva Nogueira  
Profª. Dra. Dennyura Oliveira Galvão  
Prof. Dr. Elias Rocha Gonçalves  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins  
Prof. Dr. Fábio Steiner  
Prof. Dr. Fabiano dos Santos Souza  
Prof. Dr. Gabriel Andres Tafur Gomez  
Prof. Dr. Hebert Hernán Soto Gonzáles  
Prof. Dr. Hudson do Vale de Oliveira  
Prof. Msc. Javier Revilla Armesto  
Prof. Msc. João Camilo Sevilla  
Prof. Dr. José Luis Soto Gonzales  
Prof. Dr. Julio Cezar Uzinski  
Prof. Msc. Lucas R. Oliveira  
Profª. Dra. Keyla Christina Almeida Portela  
Prof. Dr. Leandro Argentel-Martínez  
Profª. Msc. Lidiene Jaqueline de Souza Costa Marchesan  
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann  
Prof. Msc. Marcos Pisarski Júnior  
Prof. Dr. Marcos Pereira dos Santos  
Prof. Dr. Mario Rodrigo Esparza Mantilla  
Profª. Msc. Mary Jose Almeida Pereira  
Profª. Msc. Núbia Flávia Oliveira Mendes  
Profª. Msc. Nila Luciana Vilhena Madureira  
Profª. Dra. Patrícia Maurer  
Profª. Dra. Queila Pahim da Silva  
Prof. Dr. Rafael Chapman Auty  
Prof. Dr. Rafael Felipe Ratke  
Prof. Dr. Raphael Reis da Silva  
Prof. Dr. Renato Jaqueto Goes  
Prof. Dr. Ricardo Alves de Araújo (*In Memoriam*)  
Profª. Dra. Sylvana Karla da Silva de Lemos Santos  
Msc. Tayronne de Almeida Rodrigues  
Prof. Dr. Wéverson Lima Fonseca  
Prof. Msc. Wesclen Vilar Nogueira  
Profª. Dra. Yilan Fung Boix  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme

#### Instituição

OAB/PB  
Mun. Faxinal Soturno e Tupanciretã  
UO (Cuba)  
IF SUDESTE MG  
Facultad de Medicina (Cuba)  
ISCM (Cuba)  
UFESSPA  
UEA  
UNEMAT  
UFV  
AJES  
UFGD  
UEMS  
IFPA  
UNICENTRO  
IFMT  
UFMG  
URCA  
ISEPAM-FAETEC  
IFG  
UEMS  
UFF  
(Colômbia)  
UNAM (Peru)  
IFRR  
UCG (México)  
Mun. Rio de Janeiro  
UNMSM (Peru)  
UFMT  
Mun. de Chap. do Sul  
IFPR  
Tec-NM (México)  
Consultório em Santa Maria  
UFJF  
UEG  
FAQ  
UNAM (Peru)  
SEDUC/PA  
IFB  
IFPA  
UNIPAMPA  
IFB  
UO (Cuba)  
UFMS  
UFPI  
UFG  
UEMA  
IFB  
  
UFPI  
FURG  
UO (Cuba)  
UFT

Conselho Técnico Científico  
- Esp. Joacir Mário Zuffo Júnior  
- Esp. Maurício Amormino Júnior  
- Lda. Rosalina Eufrausino Lustosa Zuffo

Ficha Catalográfica

| <b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)</b><br><b>(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b> |   |
|---|---|
| T938  | Turismo [livro eletrônico]: reflexões e desafios: volume 2 / Organizadora Queila Pahim da Silva. – Nova Xavantina, MT: Pantanal Editora, 2022. 80p.<br><br>Formato: PDF<br>Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader<br>Modo de acesso: World Wide Web<br>ISBN 978-65-81460-43-3<br>DOI <a href="https://doi.org/10.46420/9786581460433">https://doi.org/10.46420/9786581460433</a><br><br>1. Turismo – Pesquisa – Brasil. 2. Lazer. I. Silva, Queila Pahim da. II. Título.<br><br>CDD 338.4791 |
| <b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>   |   |



Nossos e-books são de acesso público e gratuito e seu download e compartilhamento são permitidos, mas solicitamos que sejam dados os devidos créditos à Pantanal Editora e também aos organizadores e autores. Entretanto, não é permitida a utilização dos e-books para fins comerciais, exceto com autorização expressa dos autores com a concordância da Pantanal Editora.

**Pantanal Editora**

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000.  
Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil.  
Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp).  
<https://www.editorapantanal.com.br>  
[contato@editorapantanal.com.br](mailto:contato@editorapantanal.com.br)

## **Apresentação**

Por abarcar diversas esferas, como por exemplo, a econômica, política, social, ambiental e acadêmica, a atividade turística enfrenta inúmeros desafios e nos desafia a refletir e agir em relação à sustentabilidade econômica, ambiental e social das localidades. Diante do exposto, este livro traz à baila questões relacionadas ao turismo em diferentes regiões do nosso país, sob a ótica de distintos pesquisadores.

O primeiro capítulo: “O sabor do inhame: receitas, saberes e histórias” discute as relações entre a comida, as representações de gênero, produção de identidade e memória a partir de um livro de receitas de inhame, produzido pelo Sobrado Cultural Rural de Barra Alegre em Bom Jardim, região serrana do estado do Rio de Janeiro.

O segundo capítulo intitulado “Sustentabilidade Econômica do crochê: uma análise através do artesanato, cultura e turismo,” analisa os significados do artesanato através do crochê e os desafios da precificação de suas peças com vistas a oportunizar lucratividade, sustentabilidade econômica e valorização desta arte, ao apresentar o Programa Gaúcho do Artesanato (PGA), desenvolvido no Rio Grande do Sul.

No terceiro capítulo: “Diagnóstico das condições ambientais, higiênico-sanitárias e atendimento ao turista estrangeiro em pousadas de São José da Coroa Grande-PE”, apresenta-se um diagnóstico das condições ambientais, higiênico-sanitárias e de atendimento ao turista estrangeiro no referido município, com a finalidade de gerar informações e sugestões para melhorias na atuação relacionada à legislação específica para serviços de alimentos, atendimento ao turista estrangeiro e melhor uso dos recursos ambientais dos estabelecimentos hoteleiros participantes da pesquisa.

O quarto capítulo: “Panorama do Estágio Supervisionado do Curso de Tecnologia em Gestão de Turismo do IFS,” nos traz uma reflexão sobre a caracterização e importância da educação profissional e tecnológica e dos cursos superiores de tecnologia, apresentando um desafio da prática de estágio supervisionado em um curso de Turismo desta modalidade de educação na cidade de Aracaju/ SE.

E para finalizar, o quinto capítulo: “Consequências da pandemia de covid-19 no setor de eventos sob uma perspectiva de gênero, raça e classe”, aborda como as mulheres trabalhadoras de eventos enfrentaram a pandemia, considerando o contexto de gênero, raça e classe que perpassam suas vidas e refletem no contexto laboral, pois as desigualdades que atingem essas mulheres fazem com que haja diferentes impactos para cada grupo social.

Uma ótima leitura e em breve teremos novas edições.

A organizadora.


## Sumário

|   |           |
|---|-----------|
| <b>Apresentação .....</b>   | <b>4</b>  |
| <b>Capítulo 1.....</b>  | <b>6</b>  |
| Os sabores do inhame: receitas, saberes e histórias.....  | 6         |
| <b>Capítulo 2.....</b>  | <b>20</b> |
| Sustentabilidade Econômica do crochê: uma análise através do artesanato, cultura e turismo .....  | 20        |
| <b>Capítulo 3.....</b>  | <b>39</b> |
| Diagnóstico das condições ambientais, higiênico-sanitárias e atendimento ao turista estrangeiro em pousadas de São José da Coroa Grande-PE..... | 39        |
| <b>Capítulo 4.....</b>  | <b>50</b> |
| Panorama do Estágio Supervisionado do Curso de Tecnologia em Gestão de Turismo do IFS .....   | 50        |
| <b>Capítulo 5.....</b>  | <b>67</b> |
| Consequências da pandemia de COVID-19 no setor de eventos sob uma perspectiva de gênero, raça e classe.....                                     | 67        |
| <b>Índice Remissivo .....</b>   | <b>83</b> |
| <b>Sobre a organizadora .....</b>   | <b>84</b> |

## Sustentabilidade Econômica do crochê: uma análise através do artesanato, cultura e turismo


Recebido em: 20/05/2022

Aceito em: 28/05/2022

 10.46420/9786581460433cap2

Patrícia Colombo<sup>1\*</sup> 

Marlei Salete Mecca<sup>1</sup> 

Tatiana Gehlen Marodin<sup>1</sup> 

### INTRODUÇÃO

O artesanato representa uma parte importante da cultura de uma região. Técnicas e ensinamentos do fazer manual foram passadas de pais para filhos, promovendo momentos de integração familiar e a perpetuação de uma história ancestral, um patrimônio imaterial de importância imensurável. Uma vez usado como uma ferramenta de opressão às mulheres, que precisavam possuir várias habilidades manuais para serem consideradas “prendadas e prontas para casar-se”, o artesanato e suas várias técnicas ganharam novos significados e viraram até mesmo ferramentas contra a opressão: basta pesquisar por “bordado empoderado” e o leitor vai encontrar inúmeras peças que trazem luz a assuntos como racismo, feminismo, homofobia, entre tantos outros. A criação artesanal está diretamente ligada ao criador e ao ambiente em que este vive, e isso permite que técnicas antigas sejam reinterpretadas por uma ótica atual, resultando em peças inovadoras e muito diferentes das tradicionais.

Entre várias técnicas artesanais existentes, o crochê é ainda tido por boa parte das pessoas como “coisa de vó”. Quem está inserido na comunidade crocheteira *online*, no entanto, sabe que esta é uma das áreas que mais evoluiu quando se fala em reinterpretação de técnicas para criar produtos diferentes e inovadores. Os amigurumis, por exemplo, são bonecos de crochê tecidos em espiral usando-se basicamente o ponto baixo, que é um dos pontos mais básicos do crochê tradicional. Com grandes personalidades da música e do cinema usando roupas e acessórios de crochê em vídeos e nas redes sociais, a procura por essas peças tem crescido.

Dentro da técnica do crochê, há uma infinidade de produtos que o artesão pode desenvolver. O que se vê no mercado atual é que muitos se voltam para vários nichos ao mesmo tempo, trabalhando sob encomenda e produzindo roupas, bolsas, cestos e amigurumis conforme os pedidos dos clientes. Em um primeiro momento isso pode parecer bom, pois o artesão consegue atender a várias necessidades que o consumidor apresenta. Em análise aprofundada, no entanto, isso se mostra problemático em vários fatores: é necessário ter muitas ferramentas diferentes, um estoque de fios muito maior e variado, uma

<sup>1</sup> UCS- Universidade de Caxias do Sul.

\* Autora correspondente: [tatianagehlen@hotmail.com](mailto:tatianagehlen@hotmail.com)

vasta gama de acessórios para todos esses produtos e diferentes modelos de embalagens que se adaptem aos itens vendidos. Do ponto de vista dos custos, é muito mais vantajoso focar em um tipo de produto específico e investir nele. Várias comunidades que recebem turistas têm no artesanato uma das principais fontes de renda, mesmo assim percebe-se que a precificação do produto não é algo estudado, é mais intuitivo dos próprios artesãos que muitas vezes mal conseguem se sustentar com a atividade.

Diante do exposto a pesquisa buscou fazer uma análise experimental comparativa do processo de produção e precificação entre duas peças diferentes, uma de vestuário e uma de amigurumi, com o intuito de analisar qual delas é mais lucrativa para o artesão. A delimitação do tema trata da sustentabilidade econômica do artesanato através da identificação dos custos entre crochê para vestuário e amigurumi. Dessa forma buscou-se responder o seguinte questionamento: entre dois produtos artesanais de crochê (para vestuário ou amigurumis), qual possibilita maior sustentabilidade econômica para o artesão? Para tal, o objetivo geral foi apresentar a sustentabilidade econômica dos produtos artesanais de crochê para vestuário e amigurumi.

O artesanato é fonte de renda, tanto principal quanto complementar, de muitos artesãos brasileiros. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE (2018), o setor artesanal movimentava cerca de 50 bilhões de reais por ano e emprega aproximadamente 10 milhões de artesãos. Além da importância econômica, os ensinamentos do fazer manual mantêm viva uma tradição cultural cheia de significado.

Visando contribuir para o crescimento econômico e para a continuidade desses pequenos empreendimentos, a presente pesquisa justifica-se pela importância do pequeno artesão em entender quais produtos do seu catálogo são mais lucrativos. Essa pesquisa se mostra importante para o desenvolvimento dos pequenos empreendimentos, visto que muitos começam como um *hobby* do artesão e aos poucos se tornam um negócio. Com o crescimento do micro empreendimento vem a necessidade de analisar os custos e entender o que de fato gera lucro, para que o tempo de produção das peças possa ser mais bem investido. Isso contribui diretamente para a sustentabilidade do pequeno empreendedor artesanal, e consequentemente fortalece a economia local. O artesanato é um bem cultural imaterial e ao contribuir para a sustentabilidade econômica da técnica, também promove a manutenção da cultura, costumes da sociedade e o desenvolvimento sustentável do turismo.

## **2 REVISÃO DE LITERATURA**

### **2.1 SUSTENTABILIDADE**

Segundo Araújo (2016), sustentabilidade é o conjunto de condições necessárias de recursos naturais (físicos e biológicos) que servem para a manutenção do sistema político-econômico e social. Para Dias (2015), “Sustentabilidade pode ser definida como o destino pretendido do desenvolvimento sustentável e deve ser considerada um alvo em movimento, uma linha no horizonte.” (p.23).



O desenvolvimento sustentável é uma questão importante para toda e qualquer pessoa, física ou jurídica, pois está relacionado ao ambiente em que todos estão inseridos. É necessário que o crescimento ocorra, porém sem degradação ao meio ambiente. Sobre isso, Dias apresenta o seguinte:

Um dos princípios básicos do desenvolvimento sustentável é evitar a todo custo o conflito entre proteção ambiental e o crescimento econômico, entre o bem-estar desta geração e o bem-estar das próximas. Em resumo, desenvolvimento econômico e meio ambiente são complementares e devem caminhar juntos (Dias, 2015).

O desenvolvimento sustentável é retratado por vários estudiosos como sendo sustentado por três pilares: sustentabilidade econômica, social e ambiental. Segundo Dias (2015), sustentabilidade econômica atende às necessidades das pessoas utilizando os recursos escassos existentes. Em outras palavras, produz bens para consumo da população.

Sobre sustentabilidade social, Oliveira (2019) afirma que a sustentabilidade social se preocupa na melhor distribuição de renda e na redução da desigualdade social. O autor afirma também que é a sustentabilidade social que tem força para ligar e promover a sustentabilidade ambiental e econômica, visto que mudanças culturais são necessárias para que a sociedade se adapte e se desenvolva de modo sustentável. A sustentabilidade social está diretamente ligada ao objeto de estudo deste trabalho, tendo em vista que o crochê é uma técnica artesanal de grande valor cultural, patrimônio importante da sociedade.

Para que a sustentabilidade social seja atingida, é necessário fundamentalmente que se erradique a pobreza; que se acabe com a fome; que pessoas de todas as idades sejam beneficiadas com uma vida saudável; que as mulheres e as meninas alcancem a igualdade entre os sexos; que seja reduzida a desigualdade dentro e entre os países; que aqueles atingidos pela extrema pobreza recebam auxílio do Estado até que estejam em condições de se autossustentarem. (Dias, 2015)

Trazendo esses aspectos para esse trabalho, a questão da igualdade entre os sexos é uma das que mais se relaciona com o crochê. A maior parte das pessoas que crochê são mulheres, e produzir peças artesanais que gerem renda possibilita a essas mulheres independência financeira e conseqüentemente autonomia na tomada de decisões sobre suas vidas.

No tocante à sustentabilidade ambiental tem-se que refletir a respeito do consumo consciente, e conforme Lélé (1991) o consumo consciente se refere à existência de condições ecológicas necessárias que possam sustentar a vida humana em um nível específico de bem-estar para as gerações futuras. Diz respeito não só ao consumo de recursos naturais, mas também ao consumo consciente de produtos pelo cidadão. A alta demanda do público fomenta a produção do mercado, conseqüentemente aumentando a extração de matéria-prima. Marcas de fast fashion fazem roupas de vida útil curta, resultado do barateamento na mão de obra e materiais, que logo se danificam e obrigam o consumidor a comprar mais.

Peças artesanais em crochê são duráveis, o que minimiza a extração de recursos naturais. Além disso, sua trama não pode ser imitada por uma máquina industrial. O processo manual faz com que uma

peça nunca saia igual a outra, garantindo exclusividade. Quanto ao processo produtivo dos fios usados na confecção das peças, as marcas brasileiras costumam ser bem transparentes quanto ao seu processo produtivo. A mais famosa delas, a Círculo, utiliza algodão plantado nas fazendas do Mato Grosso para produzir seus fios e conduzem seus trabalhos de forma ecologicamente correta.

Atualmente, ser uma empresa eco-friendly é também uma questão de valorização da marca. Empreendimentos que se preocupam com seu impacto ambiental são melhor vistos pela mídia e pelo consumidor, sendo assim preferíveis às empresas que não são transparentes quanto a seus processos produtivos. Isso vem acompanhado de um lado negativo, conforme mostra Mendonça (2019), que explica que a publicidade comercial fez uma apropriação indébita do conceito da marca como ferramenta de marketing.

## 2.2 IMPORTÂNCIA ECONÔMICA E SOCIAL DO ARTESANATO

A produção artesanal de um povo é parte importante de sua cultura. Esta surgiu pela necessidade, foi evoluindo em suas técnicas, assumiu novos papéis e seu desenvolvimento reflete o crescimento de uma sociedade. Segundo Diana (2019) a cultura material é formada por elementos concretos que representam o patrimônio cultural e histórico construído pelo ser humano ao longo do tempo. O autor também conceitua a cultura imaterial, que é formada por elementos intangíveis, como ensinamentos, saberes, tradições e costumes de um grupo social.

O Ministério do Turismo considera que o artesanato é um dos principais atrativos do turismo cultural, juntamente com sítios históricos, monumentos arquitetônicos, gastronomia, entre outros. O turismo cultural é definido como “aquele que compreende as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura” (Brasil, 2010).

Baseando-se nestes conceitos, o artesanato é tanto cultura material como imaterial de um povo. Os ensinamentos e técnicas para confeccionar os produtos são a cultura imaterial, passada de pais para filhos ao longo das gerações. Já as peças são a cultura tangível, a forma física das técnicas desenvolvidas. Sobre a importância da cultura na formação da sociedade, pode-se afirmar que:

A cultura, tanto material como imaterial, fazem parte da história de um povo. É a partir da cultura que as sociedades se diferenciam. Assim, esse elemento não é importante apenas para a preservação e o estudo do passado, mas também para a formação das identidades de cada povo e das futuras gerações. (Scopel, 2019).

A identidade de um povo muda conforme este evolui, e a produção artesanal acompanha essas mudanças. Dentre as várias técnicas de produção artesanal, o crochê é uma das mais antigas.

Além disso o artesanato fortalece a identidade de um país já que reflete os valores e referências culturais. O artesanato feito por artesãos e não aquele produzido em série e vendido como se fosse

artesanato, situação cada vez mais comum nos destinos turísticos, pode resgatar a cultura e unicidade de uma comunidade. Pode também contribuir para uma forte valorização local em contraponto a uma lógica global de competitividade (Fischer e Soares, 2010). Nesse contexto é que se apresenta um dos maiores desafios no mundo globalizado, a questão da sustentabilidade econômica do artesanato produzidos. Muitos artesãos têm habilidade de produção, bom gosto, criatividade, entre outros aspectos inerentes à profissão mas desconhecem o real valor do custo do produto e de como precificar a mercadoria e acabam por vender com valores muito aquém para ter um retorno justo. Com o advento do tempo deixam de produzir suas peças pela falta de rentabilidade e na maioria das vezes isso acontece por simples falta de orientação.

De Medeiros Brandão, Silva e Fischer, (2013, p. 200) reforçam a seguinte questão:

Também não é o caso de congelar a tradição e tratá-la como algo exótico, principalmente em tempos de globalização, em que as práticas culturais estão cada vez mais homogeneizadas e a tradição e os bens simbólicos se tornam cada vez mais relevantes. Fala-se aqui de tomar a atividade artesanal, o artesanato enquanto produto e o conjunto das relações sociais que se estabelecem, com todos os sentidos e teias de significados que o constituem, de modo que se estimule o desenvolvimento sem descaracterizar e desrespeitar o artesão e o artesanato enquanto processo criativo.

O estudo trazido neste trabalho detalha justamente esse processo de custo e precificação mas sem descaracterizar e desrespeitar o artesão em seu processo criativo.

### **2.3 REGULARIZAÇÃO DO ARTESÃO**

No Rio Grande do Sul o governo instituiu pela Lei N° 13.518, de 13 de setembro de 2010 o Programa Gaúcho do Artesanato (PGA) -, que busca incentivar a profissionalização dos artesãos residentes no estado e contribuir para a continuidade da produção artesanal. Esse registro é feito por meio do fornecimento de uma Carteira do Artesão, documento emitido pela Fundação Gaúcha do Trabalho e Ação Social (FGTAS) (Rio Grande do Sul (s.d)) e traz ao artesão uma série de benefícios, entre eles: reconhecimento como profissional autônomo; possibilidade de recolhimento da contribuição para a Previdência Social; emissão de notas fiscais; isenção do ICMS, obtenção de declaração de rendimentos; participação em exposições, feiras e eventos no Brasil e no exterior, entre outros.

Embora o PGA tenha sido instituído somente em 2010, o cadastramento dos trabalhadores artesanais vinha sendo feito pela FGTAS desde 1964, através do Programa de Fomento Artesanal (PGFA). O Ato Declaratório 2015/062, de 16 de junho de 2015, instituiu a isenção de ICMS para o artesão comprovadamente cadastrado no programa, fornecendo assim um benefício fiscal como incentivo ao cadastro. Com a isenção do referido imposto sendo oferecida surgiu a necessidade de fiscalizar com maior afinco os artesãos que solicitavam cadastro, e em 11 de maio de 1977 foi criada a Junta de Julgamento de Trabalhos Artesanais. “Em 1987, essa junta foi substituída pela Comissão de Análise, Classificação e Registro do Artesanato do Rio Grande do Sul, formada pela FGTAS e por

representantes das secretarias estaduais de Educação, Turismo e Cultura, por meio do Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore” (FGTAS, Manual de Orientação, s.d).

Como o artesanato transforma matéria-prima em um produto, ele é tecnicamente uma indústria. Uma indústria onde predomina o trabalho manual e individual, em pequena escala e sem o auxílio de máquinas automatizadas. Uma das principais características do artesanato é sua produção unitária, peça a peça, que proporciona exclusividade pois nunca haverá duas peças exatamente iguais. Isso não pode ser replicado por uma máquina que produz vários itens em série e idênticos um ao outro.

Entre os passos para ingresso no PGA, existe um que garante que o candidato ao cadastro possua domínio da técnica. É feita uma avaliação prática, onde o artesão deve apresentar no mínimo três peças prontas e uma em execução, esta última deve ser executada na presença do avaliador a fim de comprovar que o indivíduo é de fato o responsável pela confecção. Além dos benefícios citados anteriormente, o cadastro no PGA também proporciona ao artesão a validação do seu trabalho perante a sociedade.

## 2.4 CUSTOS

Para entender a formação do preço de venda de um produto e poder analisar sua rentabilidade, é necessário entender alguns conceitos básicos da Contabilidade de Custos. Segundo Padoveze (2013), a Contabilidade de Custos é o segmento da ciência contábil que se preocupa com a gestão econômica do custo e dos preços de venda dos produtos e serviços oferecidos pelas empresas. Inicialmente a contabilidade de custos tinha o papel de avaliar os estoques industriais, ajudando a calcular o preço de venda para que houvesse lucro. Ela existia porque os custos de empresas comerciais eram, e ainda são, diferentes dos de empresas industriais:

A diferença fundamental entre o custo dos produtos nas empresas comerciais e o custo dos produtos nas empresas industriais é que as primeiras têm apenas um insumo para custo das mercadorias adquiridas para revenda, ao passo que as segundas têm de utilizar vários insumos para o processo de obtenção (produção) dos produtos. (Padoveze, 2013)

Para melhor compreensão da parte de custos, é necessário conhecer algumas terminologias básicas da área como gasto, desembolso, investimento, custo, despesa e perda. Gastos são compras de produtos ou serviços, englobam basicamente todos os produtos e serviços independente de sua utilização dentro da entidade. O desembolso é decorrente do gasto, o pagamento originado dele. Investimento é um gasto que, em função da sua vida útil, é estocado no ativo da empresa (Martins, 2018). O autor destaca que todos os sacrifícios havidos pela aquisição de bens ou serviços (gastos) que são estocados nos ativos da empresa para baixa ou amortização quando de sua venda, de seu consumo, de seu desaparecimento ou de sua desvalorização são especificamente chamados de investimentos. Alguns exemplos de investimentos são máquinas e ações de outras empresas.

Custo é o gasto relacionado à produção de outros bens ou serviços. Para Padoveze (2013), são os gastos, efetuados pela empresa, que fazem nascer os produtos. Estão ligados à área industrial da empresa

tais como matéria-prima, mão-de-obra direta, insumos operacionais, entre outros. Ainda segundo o mesmo autor os custos podem ser classificados quanto ao seu objeto (custo direto ou indireto) e quanto ao volume produzido (custos fixos e variáveis).

Custos diretos são geralmente compostos por matérias-primas e mão de obra direta (Yanase, 2018). São facilmente apropriados, pois é fácil mensurar seu consumo na fabricação. Para Padoveze (2013), os atributos que definem um custo direto em relação ao produto são: possibilidade de verificação, possibilidade de medição, identificação clara, possibilidade de visualização da relação do insumo com o produto, especificidade do produto. Custos indiretos são todos os custos que não são considerados diretos. Estes precisam ser alocados por meio de rateio, pois eles não podem ser alocados de forma objetiva. Para Yanase (2018), custos indiretos são custos que estão relacionados com a unidade fabril como um todo, não com um produto específico.

Custos fixos, segundo Martins (2018), são custos que independem do volume de produção do estabelecimento. Pode-se citar como exemplo o aluguel, independente de haver aumento ou diminuição na produção do mês, o aluguel continua o mesmo. Já os custos variáveis são afetados pelas alterações no volume de produção. Um exemplo a ser citado são os materiais diretos. Quanto maior a quantidade produzida, maior seu consumo. Dentro, portanto, de uma unidade de tempo (mês, nesse exemplo), o valor total do custo com tais materiais varia de acordo com o volume de produção; logo, materiais diretos são custos variáveis. (Martins, 2018)

Despesa muitas vezes é confundida com custo, mas são conceitos diferentes. Nas despesas se enquadram os gastos necessários para que a distribuição e venda dos produtos possa ocorrer. O autor explica:

[...] a grande diferenciação conceitual entre custos e despesas decorre da separação primária entre empresas industriais e comerciais, adotada universalmente pela contabilidade societária e fiscal, com o enfoque básico de custear os estoques de produtos. Custos são gastos para se conseguir um produto (adquirir ou fabricar), e despesas são gastos para vender esses produtos (Padoveze, 2013).

Perda, segundo Yanase (2018) é o gasto em bens ou serviços de forma anormal e involuntária, portanto incapaz de gerar receitas. Sua principal característica é sua natureza imprevisível. Alguns exemplos comuns são perdas decorrentes de incêndios ou acidentes similares e estoque obsoleto.

Como o artesão é tecnicamente uma indústria, visto que se apropria de uma matéria-prima e a transforma em um produto, o foco aqui será na contabilidade de custos industrial. Esta é complexa, mas seus conceitos podem ser aplicados de forma simples ao artesão independente. O custo unitário dos produtos, por exemplo, é trabalhoso de se identificar em uma indústria, mas é simples para o artesão pois a quantidade produzida é pequena e os insumos utilizados em cada unidade do produto são facilmente identificáveis. Existem vários métodos de custeio, cada um voltado para uma situação específica. Neste trabalho, serão tratados os seguintes métodos: custeio por absorção e o custeio variável.

Segundo Martins (2018), custeio por absorção consiste na apropriação de todos os custos de produção aos bens elaborados, e só os de produção; todos os gastos relativos ao esforço de produção são distribuídos para todos os produtos ou serviços feitos. Este método se utiliza de rateios para agregar todos os custos do processo produtivo aos produtos resultantes de tais processos. Aos custos agregados aos produtos se incluem a depreciação dos equipamentos e imobilizados utilizados na produção. Todo e qualquer valor que não está relacionado ao processo produtivo, como salário administrativo e comissão de vendas, são considerados despesa e não entram no cálculo do custo.

O método de custeio variável, tal como o nome indica, leva em conta somente os custos variáveis relacionados ao processo produtivo. Aqui, Padoveze (2013) faz uma ressalva quanto à mão de obra direta, que seria considerada um custo fixo:

Em essência, em conjunturas econômicas normais, a mão de obra direta pode ser considerada um custo variável. Contudo, sabemos que, no curto prazo, ela é um custo fixo. Para fins de construção de modelos decisórios, julgamos plenamente válido considerar a mão de obra direta como custo variável. Um modelo decisório centra-se na perspectiva futura e, assim, é natural entender a mão de obra direta como um custo variável (Padoveze, 2013).

O custeio variável surgiu porque a apropriação dos custos fixos não apresenta grande valia para a tomada de decisões. Martins (2018) explica que os custos fixos são mais relacionados com proporcionar as condições para que a empresa possa produzir, e, portanto, não são custos relacionados a um produto específico. Eles existirão havendo produção ou não, e assim sendo não devem ser atrelados ao produto. Ainda, estes custos fixos são distribuídos com base em rateios arbitrários, o que atrapalha no momento da tomada de decisões. A gerência pode ser levada a uma análise errônea ao decidir se os custos de determinado produto são viáveis ou se a produção deste deve ser descontinuada.

Se, a fim de avaliar um produto para efeito de estoque, isso pode ser uma forma de minimizar injustiças, para efeito de decisão simplesmente mais confunde do que auxilia; o fato de se apropriar de uma forma pode alocar mais custo em um produto do que em outro, e, se alterar o critério de rateio, talvez faça o inverso. Por se alterar um procedimento de distribuição de custos fixos, pode-se fazer de um produto rentável um não rentável (aparentemente), ou transformar um superavitário em deficitário, e vice-versa (Martins, 2018).

O Custeio Variável surgiu assim, como um meio de tratar os custos fixos como encargos do período e levá-los direto para o Resultado. Ambos os métodos de custeio apresentados são válidos no momento de levantar os custos do produto, porém cabe registrar que apenas o custeio por absorção é aceito pelo fisco.

Para encontrar o preço de venda há o *Mark-up*, amplamente utilizado no processo de formação do preço de venda, principalmente por se utilizar de uma fórmula simples e efetiva quando formatada corretamente. De acordo com Bernardi (2017), *Mark-up* é um método básico e elementar no qual, com base na estrutura de tributos, custos e despesas e do lucro desejado, aplica-se um fator, marcador ou multiplicador, formando-se o preço. Dessa forma, o preço cobrirá todos os custos, despesas, impostos e

terá como residual o lucro das vendas desejado. Este método ajuda a estabelecer o preço e auxilia na análise de viabilidade de venda do produto. Um preço muito alto pode indicar a necessidade de baratear os gastos de produção, alterar o produto para torná-lo mais viável ou até mesmo desistir do produto e substituí-lo por outro com melhor potencial de vendas. O quadro 1 apresenta o *mark-up* multiplicador e o *mark up* divisor.

**Quadro 1.** - *Mark-up* multiplicador e Mark-up divisor. Fonte: Adaptado de Yanase (2018).

|  |
|--|
| <p>Mark up multiplicador = <math>1/[1 - (DF + DT + DC + Mg)]</math></p> <p>Mark up divisor = <math>1 - (DF + DT + DC + Mg)</math></p> <p>onde</p> <p><i>DF</i> são as Despesas Fixas</p> <p><i>DT</i> são as Despesas Tributárias</p> <p><i>DC</i> são as Despesas Comerciais</p> <p><i>Mg</i> é a Margem Desejada</p> |
|--|

### 3 MATERIAL E MÉTODOS

#### 3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

##### 3.1.1 TIPOLOGIA EM RELAÇÃO AOS PROCEDIMENTO TÉCNICOS

Em relação aos procedimentos técnicos, a pesquisa se classifica como experimental. Segundo Cervo (2007), a pesquisa experimental caracteriza-se por manipular diretamente as variáveis relacionadas com o objeto de estudo. Neste tipo de pesquisa, a manipulação das variáveis proporciona o estudo da relação entre as causas e os efeitos de determinado fenômeno. Matias-Pereira (2019) explica que as variáveis que possivelmente influenciam o objeto de estudo são selecionadas, e é definida uma forma de controle e uma forma de observação dos efeitos resultantes.

##### 3.1.2 TIPOLOGIA EM RELAÇÃO AOS OBJETIVOS

Em relação aos objetivos, a pesquisa se classifica como descritiva. De acordo com Matias-Pereira (2019), este tipo de pesquisa visa descrever as características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Resume-se, em suma, a coleta de dados, observação e interpretação destes.

##### 3.1.3 TIPOLOGIA EM RELAÇÃO À FORMA DE ABORDAGEM DO PROBLEMA

Quanto à forma de abordagem do problema, esta pesquisa é qualitativa. Michel (2015) explica que na pesquisa qualitativa, a verdade não se comprova numérica ou estatisticamente; ela surge na experimentação empírica, a partir de análise feita de forma detalhada, abrangente, consistente e coerente, e na argumentação lógica das ideias. A ênfase se faz nos processos mais do que nos resultados, explorando

em maior profundidade as informações não mensuráveis. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem. (Matias-Pereira, 2019).

### 3.2 PROCEDIMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

Primeiramente foi efetuada revisão bibliográfica em livros, periódicos, sites, dentre outras fontes. Posteriormente foram selecionadas duas peças para serem produzidas em crochê: uma de amigurumi e uma de vestuário. As peças escolhidas possuíam dificuldade semelhante, exigindo habilidade técnica e conhecimento dos pontos básicos do crochê. Foram levantados os custos de produção de ambas as peças, em seguida foi aplicada a fórmula do *Mark-up* em ambos os produtos para se conseguir o preço de venda. Com base nisso, foi feita uma análise de qual dos produtos é mais lucrativo para o artesão levando em consideração o valor praticado pelo mercado.

### RESULTADOS E DISCUSSÃO

O artesanato que foi objeto de estudo nesta pesquisa refere-se a peças em crochê confeccionadas por uma artesã da serra gaúcha. As peças escolhidas para serem usadas como estudo de caso foram um xale para a categoria vestuário, e um urso para a categoria amigurumi. As duas peças são equivalentes em nível de dificuldade, sendo isso necessário para que a comparação entre elas seja justa.

O xale escolhido é um modelo muito popular no meio artesanal, o Xale Vírus (*Virustuch*, no original), design criado pela artesã alemã Julia Marquardt. Julia disponibilizou gratuitamente o modo de fazer do Xale Vírus em março de 2015 na sua página do *Ravelry*, um site comunitário voltado ao crochê e tricô, onde os usuários podem compartilhar receitas e informações referentes a fios e agulhas. O nome do xale é “vírus” por possuir um padrão único que vai repetindo-se e multiplicando-se ao longo das carreiras tecidas, tal qual um vírus se espalhando em uma comunidade. Este padrão pode ser repetido quantas vezes o artesão quiser, dependendo do tamanho de xale desejado. As figuras 1 e 2 apresentam o Xale Vírus pronto.



**Figuras 1 e 2.** Xale Vírus. Fonte: as autoras.



O amigurumi selecionado para este estudo foi o Urso Bart, receita original da artesã brasileira Mariana Chaves, criadora do GatoFio Ateliê. O Urso Bart foi selecionado por ser uma peça muito solicitada pelos clientes da artesã que confeccionou as peças analisadas aqui, principalmente pelo diferencial de ter um mini moletom com capuz. Esta acrescenta um atrativo a mais ao amigurumi, que é o preferido das mães de crianças entre os três e seis anos de idade. A figura 3 apresenta o Urso Bart de amigurumi finalizado.



**Figura 3.** Urso Bart de amigurumi. Fonte: As autoras.

Inicialmente, foi feito um levantamento dos materiais utilizados na produção de cada peça. Algumas ferramentas são de uso comum tanto no amigurumi quanto no xale: agulha de crochê (5mm para o xale, 2,5mm para o amigurumi), tesoura e marcadores de ponto. Na produção do xale foi necessário também uma fita métrica por se tratar de uma peça de vestuário, e o fio selecionado foi o fio artesanal em um padrão de cores degradê de rosa claro a rosa antigo. O amigurumi exigiu agulhas auxiliares para as costuras e bordados, e os fios selecionados foram dois novelos de fio Amigurumi Tradicional, um na cor Amêndoa e um na cor Alfazema. Além dos fios, também foram necessários um par de olhos com travas de segurança de 10mm, um focinho com trava de segurança e fibra siliconada para enchimento.

**Quadro 2.** Rateio das despesas fixas de vestuário. Fonte: As autoras.

| <b>RATEIO DESPESAS FIXAS - VESTUÁRIO</b> |           |                           |                 |
|--|-----------|---------------------------|-----------------|
| Item                                     | Valor     | Tempo de vida útil (anos) | Rateio por peça |
| Tesoura                                  | R\$ 70,00 | 10                        | R\$ 0,09        |
| Agulha de crochê 5mm                     | R\$ 24,00 | 5                         | R\$ 0,06        |
| Marcador de pontos                       | R\$ 18,00 | 3                         | R\$ 0,08        |
| Fita métrica                             | R\$ 6,00  | 10                        | R\$ 0,01        |
| Energia elétrica                         | R\$ 16,00 |                           | R\$ 2,40        |
| Internet                                 | R\$ 17,98 |                           | R\$ 2,70        |
| Receitas em pdf                          | R\$ 25,00 | 10                        | R\$ 0,03        |
| Cursos de aperfeiçoamento                | R\$ 80,00 | 5                         | R\$ 0,20        |
|  |           |                           | <b>R\$ 5,56</b> |

Para identificar o custo por peça produzida relativo a utensílios/ferramentas utilizadas na confecção das peças como tesoura, fita métrica, dentre outros levou-se em conta o tempo de vida útil em anos de cada ferramenta, e depois efetuou-se uma média de quantas peças são produzidas em um ano para obter-se o custo por peça. Custos com internet e energia elétrica foram rateados multiplicando-se o valor mensal por doze para obter o valor anual, e então divididos pela média de peças produzidas em um ano. A quantidade de peças produzidas em um ano foi estimada em 80 peças. O Quadro 2 apresenta o rateio das despesas fixas relacionadas a produção de peças de vestuário, e o quadro 3 mostra o rateio das despesas fixas envolvidas na produção de amigurumis.

**Quadro 3.** Rateio das despesas fixas de amigurumi. Fonte: As autoras.

| <b>RATEIO DESPESAS FIXAS - AMIGURUMI</b> |           |                    |                 |
|--|-----------|--------------------|-----------------|
| Item                                     | Valor     | Tempo de vida útil | Rateio por peça |
| Tesoura                                  | R\$ 70,00 | 10                 | R\$ 0,09        |
| Agulha de crochê 2,5mm                   | R\$ 24,00 | 5                  | R\$ 0,06        |
| Agulhas Auxiliares                       | R\$ 25,00 | 2                  | R\$ 0,16        |
| Marcador de pontos                       | R\$ 18,00 | 3                  | R\$ 0,11        |
| Energia elétrica                         | R\$ 16,00 |                    | R\$ 2,40        |
| Internet                                 | R\$ 17,98 |                    | R\$ 2,70        |
| Receitas em pdf                          | R\$ 20,00 | 10                 | R\$ 0,03        |
| Cursos de aperfeiçoamento                | R\$ 50,00 | 5                  | R\$ 0,13        |
|  |           |                    | <b>R\$ 5,66</b> |

Para o cálculo das despesas tributárias foi levado em conta o imposto do MEI de um mês, que é de R\$ 60,00, e concluiu-se que representa 4,28% da renda mensal estimada da artesã. Após os cálculos concluiu-se que os *mark-ups* para vestuário e para amigurumi são quase os mesmos, a diferença entre eles sendo a margem de lucro. Os quadros 4 e 5 apresentam ambos.

**Quadro 4.** *Mark-up* vestuário. Fonte: As autoras.

| MARK-UP VESTUÁRIO           |             |
|-----------------------------|-------------|
| <b>Despesas Fixas</b>       |             |
| Rateios Despesas Fixas      | 0,06        |
| <b>Despesas Tributárias</b> |             |
| Imposto MEI                 | 0,04        |
| Margem Desejada             | 0,20        |
| <b>Mark-up divisor</b>      | <b>0,70</b> |

**Quadro 5.** *Mark-up* amigurumi. Fonte: As autoras.

| MARK-UP AMIGURUMI           |             |
|-----------------------------|-------------|
| <b>Despesas Fixas</b>       |             |
| Rateios Despesas Fixas      | 0,06        |
| <b>Despesas Tributárias</b> |             |
| Imposto MEI                 | 0,04        |
| Margem Desejada             | 0,15        |
| <b>Mark-up divisor</b>      | <b>0,75</b> |

Após cálculo do *mark-up*, foram compilados os gastos com matéria-prima e mão-de-obra utilizados na produção de cada peça. A produção do xale consumiu o novelo inteiro de Fio Artesanal e levou dez horas para ser concluída. O quadro 6 apresenta os custos de produção do Xale Vírus e a formação do preço de venda fazendo uso do *mark-up*.

**Quadro 6.** Custos do Xale Vírus e preço de venda. Fonte: As autoras

| XALE VÍRUS         |                |                       |                   |
|--------------------|----------------|-----------------------|-------------------|
| Item               | Valor unitário | Qtde                  | Total             |
| Fio Artesanal 150g | R\$ 70,64      | 1                     | R\$ 70,64         |
| Mão de obra (10h)  | R\$ 14,00      | 10                    | R\$ 140,00        |
|                    |                | Total                 | R\$ 210,64        |
|                    |                | Mark-up divisor       | 0,70              |
|                    |                | <b>Preço de venda</b> | <b>R\$ 300,91</b> |

A confecção do urso foi mais rápida, levando nove horas para ser concluída. Também não foram consumidos os novelos inteiros, tendo sido usados 98g da cor Amêndoa e 61g da cor Alfazema. Da fibra siliconada foram necessários 64g. O Quadro 7 apresenta os custos de produção do Urso Bart e a formação do preço de venda.

**Quadro 7.** Custos do Urso Bart e preço de venda. Fonte: As autoras.

| <b>Urso Bart</b>                    |                |                       |                   |
|-------------------------------------|----------------|-----------------------|-------------------|
| Item                                | Valor unitário | Qtde                  | Total             |
| Fio Amigurumi Trad.(R\$ 15,50/125g) | R\$ 0,12       | 159g                  | R\$ 19,72         |
| Fibra Siliconada (R\$ 30/kg)        | R\$ 0,03       | 64g                   | R\$ 1,92          |
| Olhos com trava (1 par)             | R\$ 1,60       | 1                     | R\$ 1,60          |
| Focinho com trava (1un)             | R\$ 1,00       | 1                     | R\$ 1,00          |
| Mão de obra (9h)                    | R\$ 14,00      | 9                     | R\$ 126,00        |
|                                     |                | <b>Total</b>          | <b>R\$ 150,24</b> |
|                                     |                | Mark-up Divisor       | 0,75              |
|                                     |                | <b>Preço de venda</b> | <b>R\$ 200,32</b> |

Custos com embalagem e deslocamento/envio não foram incluídos nas planilhas por variarem de acordo com a situação, alguns clientes são da região e as entregas são efetuadas pela própria artesã com um custo de R\$ 9,50 que é acrescida ao valor da peça e cerca de R\$ 1,92 em embalagem, esta inclui um saquinho plástico para embalar o produto, 50cm de fita para fechamento e uma sacola de papel colorida. Para as peças que são enviadas pelo correio o custo fica por conta do cliente e custa aproximadamente R\$ 24,00 de frete.

Após a compilação de todos os dados de confecção das peças, foi possível constatar que os índices de *mark-up* das peças de vestuário e de amigurumi são praticamente iguais, sendo a mão de obra e materiais utilizados em cada tipo de produto os principais fatores que realmente fazem a diferença no preço final. Tanto as peças de vestuário como de amigurumi exigem basicamente as mesmas ferramentas, e a pequena diferença no *mark-up* entre um e outro se deve às diferentes margens de lucro, sendo 15% a margem do amigurumi e 20% a das peças de vestuário.

Analisando primeiramente a peça de vestuário, esta levou mais tempo para ser confeccionada e exigiu maior quantidade de matéria-prima. Um fator importante da produção de roupas em crochê é o lote dos fios: é necessário que a peça seja feita do início ao fim usando-se novelos do fio escolhido que sejam provenientes do mesmo lote, visto que isso manterá a uniformidade das cores e espessura da linha. Quando isso não é levado em conta, o resultado é uma peça possivelmente torta, com falhas na trama e diferença de cores. Portanto, para manter a qualidade do produto, se faz necessário que o artesão compre uma quantidade maior que a estimada para produção da roupa.

A questão do lote dos fios torna o estoque um ponto de atenção. Torna-se difícil para a artesã, tendo em vista o custo do investimento, manter fios em estoque, pois há grande chance de eles ficarem “encalhados”. Ao mesmo tempo, não os ter em estoque pode dificultar a produção pois, após contratar a encomenda, é necessário ainda comprar os fios e aguardar a entrega para somente então iniciar a confecção. O contratempo do prazo de entrega poderia ser contornado se a artesã conseguisse comprar os fios em algum armazém da própria cidade onde vive, porém é cada vez mais comum, agora, ver fios em falta nas lojas de Caxias do Sul.

Sobre o preço de venda calculado para o Xale Vírus, ele é bem próximo ao que a artesã pratica para a peça, que atualmente é vendida por R\$ 300,00. A margem de 20% usada no *mark-up* seria então a margem aceita pelo mercado atual para peças de roupa em crochê, porém não é a margem ideal de acordo com a artesã. Esta ficaria mais satisfeita com uma margem de 40% em seus produtos, pois acredita que isso estaria mais de acordo com a qualidade do trabalho que ela vende. Infelizmente, o xale dificilmente seria vendido pois poucas pessoas estão dispostas a pagar este valor. O quadro 8 mostra o *mark-up* com uma margem de 40% e o quadro 9 mostra o preço de venda do Xale Vírus com base nesse novo *mark-up*.

**Quadro 8.** *Mark-up* vestuário e amigurumi com margem de 40%. Fonte: As autoras.

| MARK-UP VESTUÁRIO E AMIGURUMI        |             |
|--------------------------------------|-------------|
| <b>Despesas Fixas</b>                |             |
| Itens rateados na planilha “Rateios” | 0,06        |
| <b>Despesas Tributárias</b>          |             |
| Imposto MEI                          | 0,04        |
| Margem desejada                      | 0,43        |
| <b>Mark-up divisor</b>               | <b>0,50</b> |

**Quadro 9.** Custos do Xale Vírus e preço de venda com margem de 40% Fonte: As autoras.

| XALE VÍRUS         |           |                       |                   |
|--------------------|-----------|-----------------------|-------------------|
| Item               | Valor     | Qtde                  | Total             |
| Fio Artesanal 150g | R\$ 70,64 | 1                     | R\$ 70,64         |
| Mão de obra (10h)  | R\$ 14,00 | 10                    | R\$ 140,00        |
|                    |           | Total                 | R\$ 210,64        |
|                    |           |                       |                   |
|                    |           | Mark-up Divisor       | 0,50              |
|                    |           | <b>Preço de venda</b> | <b>R\$ 421,28</b> |

Analisando a peça de amigurumi, é possível notar que esta não apresenta o problema de estoque da peça de vestuário. Amigurumis são em sua maior parte feitos com fio 100% algodão, que proporciona estrutura e alta capacidade de duração, e há no mercado uma marca de fios especialmente desenvolvida para este tipo de produto. O fio Amigurumi é pensado especificamente para a produção de brinquedos, possui uma cartela de cores muito ampla (atualmente são 61 cores) e não existe grande problema em utilizar lotes diferentes em uma mesma peça, pois a qualidade de produção desse fio é alta e quase não existem diferenças de tons e espessura entre lotes. A grande oferta previne que aconteçam atrasos na confecção das peças, pois é muito fácil adquirir qualquer cor necessária. Essa padronização no fio usado também permite à artesã sempre manter um estoque sem medo de algum fio ficar sobrando.

O preço de venda calculado para o Urso Bart foi de R\$ 200,32, sendo este valor alguns centavos acima do valor cobrado atualmente pela artesã, esta cobra R\$ 200,00 por um Urso Bart. Este seria então o valor que os consumidores aceitam pagar.

A artesã acredita que uma margem mais justa para sua produção de amigurumis seria de 30%, resultando em um mark-up de 0,60 conforme mostrado acima pelo quadro 10. O Quadro 13 apresenta o novo preço de venda levando em conta a margem de 30%. De acordo com a artesã, o preço de R\$ 250,40 é impraticável no mercado atual.

**Quadro 10.** Custos do Urso Bart e preço de venda com margem de 30%. Fonte: Autora.

| <b>Urso Bart</b>                    |                |                       |                   |
|-------------------------------------|----------------|-----------------------|-------------------|
| Item                                | Valor unitário | Qtde                  | Total             |
| Fio Amigurumi Trad.(R\$ 15,50/125g) | R\$ 0,12       | 159                   | R\$ 19,72         |
| Fibra Siliconada (R\$ 30/kg)        | R\$ 0,03       | 64                    | R\$ 1,92          |
| Olhos com trava (1 par)             | R\$ 1,60       | 1                     | R\$ 1,60          |
| Focinho com trava (1un)             | R\$ 1,00       | 1                     | R\$ 1,00          |
| Mão de obra (9h)                    | R\$ 14,00      | 9                     | R\$ 126,00        |
|                                     |                | <b>Total</b>          | <b>R\$ 150,24</b> |
|                                     |                | Mark-up Divisor       | 0,60              |
|                                     |                | <b>Preço de venda</b> | <b>R\$ 250,40</b> |

Tanto no xale quanto no urso, o preço justo não pode ser praticado pois dificilmente seria aceito pelos possíveis clientes. Grande parte se deve à pouca valorização do trabalho artesanal e à diferenciação feita entre artesanato e arte. Para que o preço justo seja praticado, é importante valorizar o trabalho artesanal, mostrar ao consumidor que o que ele está adquirindo não é somente uma peça de roupa ou um brinquedo, mas sim um item único feito à mão e que possui valor agregado. Mas como agregar valor à peça?

Um dos meios seria destacar a sustentabilidade envolvida no processo produtivo. Atualmente a maior parte das crianças possui brinquedos feitos de plástico, e este é um material que pode levar até 400 anos para se decompor no meio ambiente. Os amigurumis são feitos de fio de algodão, material 100% biodegradável. Não é possível dizer que o amigurumi é zero plástico, visto que os olhos e o focinho do urso são feitos deste material, mas ele pode ser. Uma das técnicas adotadas pela artesã ao fazer amigurumis para bebês e crianças menores de três anos é bordar os olhos e o nariz, a fim de evitar colocar no brinquedo peças que possam ser engolidas pela criança. E mesmo que os amigurumis feitos atualmente pela artesã levem pequenas peças de plástico, um brinquedo com apenas uma pequena parte de plástico já ajuda a diminuir a quantidade desse material que se decomporá na natureza nos próximos 400 anos.

Para agregar valor às peças de roupa em crochê, é necessário relembrar como o processo produtivo do mercado atual do vestuário é pouco transparente. Muitas marcas de *fast fashion* vendem roupas a valores baixos e são pouco transparentes quanto a seus processos produtivos. De acordo com o Instituto Fashion Revolution Brasil, (2020) e seu relatório Índice de Transparência da Moda Brasil 2020, a pontuação média geral das 40 marcas de roupas analisadas para o relatório de 2020 foi de 21%. Embora existam marcas com uma pontuação alta, como a C&A que lidera no Brasil com 74%, há várias

marcas que não pontuam por não apresentarem seus dados e se recusarem a revelar o processo de produção de suas peças.

A indústria da moda ainda é, em sua maioria, sustentada pelo trabalho humano, isto é, a produção das roupas é feita por trabalhadores de confecções, que operam as máquinas de costura para produzir as peças que são vendidas nas lojas. Geralmente são peças padronizadas produzidas em grandes quantidades onde fica difícil “imprimir” o “fator humano” daquela peça. Mesmo que a artesã use a mesma receita com o mesmo fio e a mesma agulha em duas peças diferentes, elas não sairão exatamente iguais. Esse é o maior diferencial da roupa artesanal, ela é única com envolvimento humano dedicado a cada ponto em cada peça. Cada peça é única, cada trama tem sua particularidade, e o tecer é tão humano que torna a peça exclusiva.

## CONCLUSÕES

O intuito desta pesquisa foi analisar a sustentabilidade econômica através da identificação dos custos e formação de preço de venda de duas peças artesanais em crochê, uma de vestuário e uma de amigurumi, a fim de entender qual é mais vantajosa para a artesã. Durante o desenvolvimento deste trabalho, foram levantados todos os custos envolvidos no processo de produção de ambas as peças, o *mark-up* foi calculado e foram feitas projeções com margens de lucro diferentes, para melhor visualizar o preço de venda “ideal” de acordo com a artesã.

Ao fim das análises, pode-se concluir que a artesã trabalha com uma margem de lucro maior nas peças de vestuário (20%) se comparada com a margem aplicada nos amigurumis (15%). Porém, uma margem de lucro maior não garante que vestuário seja uma opção mais vantajosa economicamente. Conforme citado na pesquisa, a produção de peças de roupa acarreta uma série de problemas como lote dos fios e estoques em alta quantidade. Diferentes composições de fios também podem ser um problema, visto que as peças estarão em contato direto com o corpo e podem causar reações alérgicas. Outro ponto importante a considerar é o tempo de confecção, pois roupas sempre levam mais tempo para serem feitas. Sendo a mão de obra um dos fatores mais determinantes na formação do preço de venda, peças que demandam muitas horas se tornam mais caras e podem ser difíceis de vender. Acima de todos os argumentos, ainda há a questão da procura do mercado consumidor. As pessoas estão menos dispostas a comprar um xale de R\$ 300,00, pois há lenços e xales de tecido que custam cerca de R\$ 50,00 no mercado e que suprem essa demanda.

No que diz respeito ao amigurumi, a margem de lucro é menor, mas a procura do mercado é muito maior. A questão que gera interesse no consumidor é a personalização do brinquedo. Além da procura do mercado favorecer a venda de amigurumis, há outros pontos que tornam este um produto mais vantajoso para a artesã. A padronização de uma marca específica de fio para produção das peças permite o aproveitamento de 100% do novelo, garantindo que todo o estoque seja utilizado sem o risco de algum fio ser inutilizado. A composição 100% algodão do fio evita problemas alérgicos e torna o

produto mais sustentável. As peças levam menos tempo para serem confeccionadas, o que diminui o custo do produto e economiza tempo para a artesã, que pode investir essas horas em mais produções que se converterão em vendas.

Um problema de produção que surge na confecção de roupas e que não existe na de amigurumis são as medidas. Peças de roupa precisam servir diferentes corpos, e peças de tamanhos maiores vão custar mais por levarem mais fio e mais horas de confecção, porém os amigurumis não tem essa necessidade de servir tamanhos.

Todos os fatores acima mostram que existe sustentabilidade econômica das peças analisadas e que atualmente é relevante para a artesã trabalhar com a venda de amigurumis, visto que a demanda do mercado é alta. Embora a sustentabilidade econômica tenha sido o maior foco neste artigo, é importante frisar as sustentabilidades social e ambiental que também acompanham a produção artesanal. O uso de fios naturais e biodegradáveis, a diminuição do uso de plástico, o reaproveitamento de 100% dos restinhos de fios, tanto em novas peças como no enchimento dos amigurumis, todos esses pontos relacionam-se diretamente com a sustentabilidade ambiental.

Já a sustentabilidade social se apresenta no valor cultural da técnica artesanal. O crochê é uma técnica antiga passada entre as gerações, e atualmente é um conhecimento acessível a todos por meio da internet. Mesmo usando as mesmas receitas e fios, cada artesã tece a peça do seu próprio jeito, todas são diferentes, cada uma é exclusiva. Este é o real valor do trabalho artesanal, a personalidade que a artesã imprime nas peças.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Araújo, S. M. S. (2016). Desenvolvimento sustentável, ética e sustentabilidade econômica mundial. *Revista Geotemas*, 6(2), 60-70.
- Brasil, (2010) Ministério do Turismo & Instituto Marca Brasil. Tour da Experiência. Disponível em [http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o\\_ministerio/publicacoes/downloads\\_publicacoes/Estudo\\_de\\_Caso\\_Tour\\_Experiencia.pdf](http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Estudo_de_Caso_Tour_Experiencia.pdf).
- Bernardi, L. A. (2017). *Formação de preços: estratégias, custos e resultados*. São Paulo: Atlas.
- Cervo, A. L. (2007). *Metodologia Científica*. São Paulo: Pearson Prentice Hall.
- De Medeiros Brandão, P., da Silva, F. R. M., & Fischer, T. (2013). Potencialidades do artesanato no desenvolvimento de destinos turísticos criativos e sustentáveis *Tourism & Management Studies*, 1, 195-202.
- Diana, D. (2019) *O que é cultura?* Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/o-que-e-cultura/>
- Dias, R. (2015). *Sustentabilidade: origem e fundamentos; educação e governança global; modelo de desenvolvimento*. São Paulo: Atlas



- Rio Grande do Sul. Secretaria de Trabalho, Emprego e Renda. Fundação Gaúcha do Trabalho e Ação Social. (s.d) *Programa Gaúcho do Artesanato - PGA*. Disponível em: <https://www.fgtas.rs.gov.br/programa-gaucho-do-artesanato>.
- Lélé, S. M. (1991). Sustainable Development: a critical review. *World Development*, 19(6), 607-621.
- Martins, E. (2018). *Contabilidade de Custos*. São Paulo: Atlas.
- Matias-Pereira, J. (2019). *Manual de metodologia da pesquisa científica*. São Paulo: Atlas.
- Mendonça, F. A. & Dias, M. A. (2019). *Meio Ambiente e Sustentabilidade* [livro eletrônico]. Curitiba-PR: Inter Saberes. Série educação ambiental. 294p.
- Michel, M. H. (2015). *Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais: um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos*. São Paulo: SM.
- Oliveira, S. V.W.B. & Leoneti, A. & Cezarino, L. O. (2019) *Sustentabilidade: princípios e estratégias*. São Paulo: Manole.
- Padoveze, C. L. (2013). *Contabilidade de Custos: teoria, prática, integração com sistemas de informação (ERP)*. São Paulo: Cengage Learning.
- Scopel, V.G, Carvalho, A. M. & Olivo, P. B. (2019) *Artesanato e cultura brasileira*. Porto Alegre: SAGAH.
- Yanase, J. (2018) *Custos e formação de preços: importante ferramenta para tomada de decisões*. São Paulo: Trevisan Editora.

## Índice Remissivo

|                         |          |   |
|-------------------------|----------|---|
|                         | <b>E</b> | inhame, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 13 |
| eventos, 66, 67, 69, 71 |          | iniciativa, 52                          |
|                         | <b>G</b> |   |
| gênero, 9, 10, 13       |          |   |
|                         | <b>I</b> |   |
| inglês, 43              |          |   |
|                         |          | <b>M</b>                                |
|                         |          | mulheres, 65, 74, 76                    |
|                         |          | <b>T</b>                                |
|                         |          | trabalho, 20, 34, 68                    |

## Sobre a organizadora

### **Queila Pahim da Silva**



Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico nas áreas de Turismo, Hospitalidade e Lazer no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília (IFB). Doutora em Educação pela Universidade Católica de Brasília. Mestre em Turismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2012); Especialista em Planejamento e Consultoria Turística pela Faculdade Estácio de Sá RN (2009); Bacharel em Turismo pela Faculdade de Ciências Cultura e Extensão do Rio Grande do Norte (2005) e técnica de Guia de Turismo pelo SENAC RN (2005). Atua nas áreas de formação de professores para a educação bilíngue de Surdos, educação de Surdos e oratória para ouvintes. Participa dos Grupos de Pesquisa: Grupo de Estudos Críticos e Avançados em Linguagens (GECAL) da Universidade de Brasília, Comunidade Escolar: Encontros e Diálogos Educativos da Universidade Católica de Brasília e Ensino de Libras - Língua Brasileira de Sinais do Instituto Federal de Brasília. Faz parte do corpo editorial da Pantanal Editora.



9 786581 460433

**Pantanal Editora**

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000  
Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil  
Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp)  
<https://www.editorapantanal.com.br>  
[contato@editorapantanal.com.br](mailto:contato@editorapantanal.com.br)

